

+ SAÚDE



Leia todas as matérias da série +Saúde em bit.ly/MaisSaudeVida

LEISHMANIOSE VISCERAL

Doença causada por um protozoário que é transmitido ao homem pela picada de fêmeas do *Lutzomyia longipalpis*, conhecido como **mosquito-palha**. O parasita entra nas células brancas de defesa do organismo e começa a se reproduzir, causando um estado de inflamação e infecção crônicas. Nas regiões urbanas, os cães são as principais fontes de infecção para o vetor. Inicialmente tratada como uma doença rural, a leishmaniose visceral tem se expandido para as áreas urbanas, vitimando uma criança em Porto Alegre há poucos dias.

SINTOMAS

Febre aguda e prolongada, mal-estar, cansaço, perda de peso, falta de apetite e palidez (provocada por um estado de anemia) são alguns dos sinais da leishmaniose visceral. Nos casos mais avançados, pode provocar aumento abdominal, do baço e do fígado, órgãos que concentram um maior volume de células brancas.

COMO DIAGNOSTICAR

O diagnóstico é feito por meio da análise de informações do paciente (viagens recentes, se é morador de área rural, etc.), de testes sorológicos ou de análise da medula óssea, outro local onde o protozoário se multiplica.

COMO TRATAR

O tratamento é feito com drogas antiparasitárias. Casos leves têm indicação de medicamentos via oral, os antimoniais pentavalentes. Pacientes em estágio mais evoluído devem ser internados e utilizar anfotericina B. O tratamento leva, em média, 30 dias, dependendo da resposta do paciente às drogas.

COMO PREVENIR

A prevenção passa por medidas de saneamento básico. Como os vetores se multiplicam mais em áreas rurais e com muita matéria orgânica, é preciso manter a limpeza dos pátios. Moradores de locais por onde o inseto circula devem usar mosquiteiros e repelente. É imprescindível o cuidado com os cães de estimação, pois eles são o reservatório do parasita. Quando infectados, os cachorros ficam com o protozoário no corpo. Se picados pelo vetor, pode ocorrer a transmissão, tanto para o homem quanto para outros cães. A doença só é transmitida pelo mosquito. Não há contágio pelo contato com animais ou pessoas infectadas.



CONSEQUÊNCIAS

Como deixa o paciente **imunodeprimido**, ou seja, com as defesas do organismo enfraquecidas, a doença leva à morte se não tratada.

NOS ANIMAIS

No meio urbano, os reservatórios do protozoário são os cães. Eles podem apresentar a doença de forma assintomática ou sintomática. Os donos devem ficar de olho nos seguintes sintomas: emagrecimento (mesmo quando se alimenta bem), problemas dermatológicos que não cedem aos tratamentos, debilidade e crescimento exagerado das unhas. Quando diagnosticado com leishmaniose, o animal ainda passa por um exame de confirmação da doença feito pelo Laboratório Central do Estado (Lacen). Se o resultado for positivo, a orientação do Ministério da Saúde é proceder com a eutanásia. Não há, no Brasil, medicamentos para o tratamento veterinário. Cães que moram em áreas rurais estão mais expostos à doença. A prevenção passa pelo uso de coleiras inseticidas e cuidados como recolher os animais ao entardecer e manter os pátios limpos. Moradores de áreas urbanas devem proteger os animais somente quando eles forem para regiões mais isoladas, como hotéis e pousadas em áreas rurais.

O VETOR

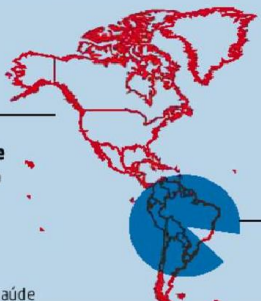


O inseto mede cerca de 3mm e tem como principal característica o fato de pousar e manter as asas eretas. Ele se reproduz em materiais orgânicos e úmidos. Normalmente se alimenta picando animais. Casos de picada em humanos são considerados acidentais. Saem para se alimentar ao entardecer e retornam aos seus esconderijos quando o dia começa a clarear.

DADOS

• É endêmica (característica) em 76 países

• No continente americano, são 12 países que descrevem a doença



• Na América Latina, o Brasil concentra 90% dos casos

• O primeiro caso brasileiro ocorreu em 1913, em um paciente do Mato Grosso

• São registrados cerca de 3,5 mil casos anualmente no país



• Em 2015, ocorreram 272 mortes pela doença no Brasil

• A região Nordeste concentrou a maioria dos casos, somando 138

• Na região Sul, não houve nenhuma morte no ano passado

• Desde o ano 2000, somente o Paraná registrou mortes por leishmaniose. Foi uma em 2004 e duas em 2005